

Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento

PATRICIA HILL COLLINS

Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019, 493p.

*Rhaysa Ruas**

Em *Pensamento feminista negro*, Collins extrai das experiências de opressão e resistência das mulheres negras nos EUA expressões intelectuais multifacetadas que, embora específicas e heterogêneas, compartilham uma coerência quanto ao conteúdo temático, referenciais interpretativos, abordagens epistemológicas e a importância para a organização política. Assim, a autora distingue e sistematiza, enquanto campo teórico crítico específico, o pensamento feminista negro.

Publicada originalmente em 1990, a obra é um clássico para os debates sobre raça, gênero, classe, sexualidade e *status* de cidadania. Dividida em três partes e 12 capítulos, inicia-se com um questionamento feito em 1831 por Maria W. Stewart, empregada doméstica, autodidata e uma das primeiras feministas negras de que se tem registro nos EUA: até quando o pensamento das mulheres negras seria soterrado pela sua exclusão dos espaços de poder e pelo seu exaustivo e compulsório trabalho reprodutivo? Ao focar nos pontos de convergência entre as diversas formas de resistência e de produção de saberes mobilizadas por mulheres negras estadunidenses como Stewart, o livro concilia subjetividade e objetividade e traz uma análise transdisciplinar que centraliza suas experiências cotidianas, em regra, renegadas. Essas mulheres anônimas que, por meio de suas ações visam

* Doutoranda em Teoria e Filosofia do Direito na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: rhaysaruas@gmail.com

melhorar a vida em suas comunidades, firmaram as bases analíticas que, ao serem resgatadas e reunidas por acadêmicas negras, constituem o cerne do pensamento feminista negro.

A primeira parte da obra, intitulada “A construção social do pensamento feminista negro”, é dividida em dois capítulos que traçam, respectivamente, a sua *práxis* política e suas características distintivas em relação a outras formas de conhecimento. O ativismo de Stewart sintetiza essas duas dimensões ao defender que as mulheres negras usem seu papel de mães como mecanismo para a ação política. Este exemplo de prática política cotidiana, rica em capacidade de ação e reprodução em meio a possibilidades escassas, traduz as múltiplas maneiras pelas quais as mulheres negras reivindicam sua condição humana ao resistirem à pobreza, ao racismo e à violência sexual.

As formas de opressão e resistência são abordadas na segunda parte do livro, “Temas centrais do pensamento feminista negro”. Por meio de relatos poéticos, literários e autobiográficos, Collins discute temas como trabalho, família, imagens negativas de controle, mecanismos de autodefinição, política sexual, relações afetivas, maternidade e ativismo. As principais ideias constituem o mapa sistematizado por Collins. Ao traçar esse caminho através do resgate feito por intelectuais ativistas como Alice Walker e Audre Lorde, a autora revela a existência de uma comunidade intelectual cujo pensamento é coerente, completo, com contornos únicos e bem definidos e que, embora não existisse na academia antes da década de 1960, é tão antiga quanto a diáspora africana. Em seguida, demonstra como esta tradição intelectual foi ocultada pela desigualdade e subordinação econômica, política e ideológica proveniente da convergência das opressões de classe, raça e gênero. Para a autora, estas três dimensões moldam uma política de supressão do conhecimento produzido pelas mulheres negras, que é capaz de perpetuar seu lugar de subordinação, na medida que as afasta das instituições tradicionais de validação do conhecimento. Tal política inclui uma série de práticas institucionalizadas, que vão desde a sua exclusão destas instituições, até a sua inclusão retórica e despolitizada, como fazem as teorias pós-modernas que se difundiram amplamente na década de 1990.

A terceira e última parte do livro, “Feminismo negro, conhecimento e poder”, ressalta as potencialidades de transformação social através da relação entre conhecimento, consciência e política transnacional de empoderamento. Collins se recusa explicitamente a basear sua análise em qualquer tradição teórica única. O livro reflete ideias de tradições diversas como a filosofia afrocêntrica, a teoria feminista, o pensamento marxista, a sociologia do conhecimento, a teoria crítica e o pós-modernismo; contudo, os jargões de cada campo e as citações das obras tidas como fundamentais raramente aparecem no texto.

Ao recontar a história das mulheres negras comuns dos EUA, o livro se direciona para elas e além delas. Objetificadas e exploradas como as “mulas do mundo”, essas mulheres jamais são vistas como intelectuais. Em contrapartida,

Collins propõe a desconstrução do conceito dominante de intelectual, que passa a ser caracterizado como independente de escolarização formal. Para isso, o conceito gramsciano de “intelectual orgânico”, segundo o qual todo grupo social produz intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência de sua própria função, é resgatado. Ao posicionar-se dessa forma, a autora alcança com sucesso a intenção inicial de “escrever um livro que sua mãe pudesse ter lido” (p.11). Collins transmite ao leitor, na prática, os traços epistemológicos distintivos do feminismo negro: a escrita se desenvolve de forma fluida, acessível e na primeira pessoa.

Estes traços se traduzem em quatro dimensões fundamentais para seu processo alternativo de validação do conhecimento: (i) a experiência vivida como critério de significado e de credibilidade; (ii) o diálogo como meio de elaboração, avaliação e critério de adequação metodológica; (iii) a ética do cuidar, enraizada em uma tradição de humanismo africano; (iv) e a ética da responsabilidade pessoal, que conecta o respeito a novas reivindicações de conhecimento à moral e à ética. Essas dimensões, excluídas das abordagens positivistas, apontam um objetivo ético de construção de justiça social como inerente à uma investigação feminista negra. Podemos encontrar aqui uma filosofia crítica das abordagens aditivas da opressão: para o pensamento feminista negro, o universal vem do particular; a universalidade emerge da verdadeira identidade daquilo que existe. Escrever a partir de uma experiência negra é, portanto, escrever a partir de uma experiência universal, pois são as conexões entre as distintas parcialidades que trazem unidade à imensa diversidade existente na realidade social.

Esta perspectiva é fundamental para compreender a articulação que a autora faz entre o universal/matriz de dominação e o particular/opressões interseccionais. Aqui, interseccionalidade se refere a formas particulares de opressão (isto é, formas de organização social que restringem o acesso aos recursos disponíveis na sociedade) que, embora constituam sistemas distintos como, por exemplo, raça e gênero, operam conjuntamente na produção da injustiça ao se cruzarem, moldando de forma particular e co-constitutiva, as experiências de um indivíduo ou grupo social. Em contrapartida, a ideia de matriz de dominação se refere ao modo como essas opressões interseccionais são de fato organizadas em uma determinada sociedade, a depender de seu contexto histórico-social específico e em relação a domínios de poder estruturais, disciplinares, hegemônicos e interpessoais. A obra privilegia, portanto, o poder da experiência e o primado da concretude, sem renunciar a uma análise macrossociológica sobre as estruturas de poder que sustentam as complexas sociedades contemporâneas.

Por fim, a principal proposta prática postulada pelo pensamento feminista negro de Collins, cerne de seu último capítulo, guarda correlação direta com a teoria: consubstanciar diálogos e coalizões transversais transnacionais a partir da consciência sobre as opressões interseccionais. Tomar consciência da existência dessas diferenças em comum é empoderar um projeto coletivo de justiça social capaz de beneficiar não só suas protagonistas, mas a todos.